N. 15 Ovar—Domingo 31 de Outubro de 1886 1.º anno

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.
Pagamento adiantado

Redacção e administração rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Annuncios e communicados a 50 rs. a linha.
Repetições..... 20 rs. a linha.
Annuncios premanente 5 » »
Folha avulsa..... 40 rs.

AS ELEIÇÕES

Mais uma farça representada sob a protecção da Carta: mais um passo andado no caminho da corrupção.

Liberdade e egualdade, principios vãos, expessos pelo *suffragio universal*. Tudo illusorio, tudo ficticio. E por elles combateram os grandes revolucionarios, os percursores do regimen constitucional *que felizmente nos rege:* e por elles se sacrificaram deixando-se arrastar ao patibulo!

E' que em theoria nada ha mais bello do que ver o povo, *soberano*, escolher os seus administradores, eleger os seus representantes, nomear os seus juizes, deliberar por si só, sem que influencias nocivas, intolerantes soffocassem as suas aspirações, interviessem arbitrariamente no modo de resolver as suas pendencias. Em theoria, o *suffragio universal*, o governo do povo pelo povo, levar-nos-ia ao melhor dos mundos possiveis, seria o melhor, o unico factor da evolução politica para que todas as sociedades caminham.

Contudo a pratica deu o desmentido cruel, trouxe a prova cabal da illusão em que viviam os politicos, os grandes revolucionarios, os percursores do regimen constitucional, *que felizmente nos rege*.

Perante a urna, no exercicio do *suffragio universal*, o que é o povo *soberano*, o povo *livre?* Um joguete nas mãos dos *mercadores* eleitoraes, uma vitima nas mãos das auctoridades. Leva-se por meio de favores, afugenta-se por meio das bayonetas.

Sophismas e violencias, milhares de dependencias, obstaram sempre o que o povo, o *soberano*, manifestasse a sua vontade livremente, elegesse conscientemente os seus administradores.

Liberdade e egualdade, perante a urna, jamais se viram.

O *suffragio universal* ficou reduzido ao que devia ser — uma arma de que os governos se servem para eleger os seus amigos, os seus protegidos. Inverteram-se assim os poderes.

O poder legislativo, que pela Carta, uma ficção como todas as outras, pertencia ao povo, ficou sendo attributo exclusivo dos governos que a seu talanto dispõem dos circulos; e o povo, com mais rigor, os influentes eleitoraes, porque são esses os verdadeiros eleitores, limitaram-se, limitam-se a pedir *despachos*, a pedir *subsidios* a ingerir-se na esphera do poder executivo. São os governos quem elege, são os influentes quem despacha,

Por isso as eleições são uma farça representada sob a protecção da Carta: por isso as eleições são mais um passo andado no caminho da corrupção.

E para prova d'isto basta ler os ultimos numeros da folha official — ahi veremos quantos contos de reis teem sahido dos cofres publicos como subsidios para egrejas, para estradas e emfim para milhares de obras de interesse particular de *mercadores* eleitoraes; quantos despachos se tem feito ultimamente. São votos conquistados assim — é o *suffragio universal* a brilhar em toda a sua força: e o povo a manifestar *soberano* tão *soberano*, como queriam os que durante muitos annos soffreram pelos principios de *liberdade, e egualdade e fraternidade*, os grandes revolucionarios, os percursores do regimen constitucional *que felizmente nos rege*.

Não admira portanto que as gazetas ministeriaes batam palmas de contentes por verem o paiz pacificado nas vesporas de se ferir a *grande* batalha, e *grande* lucta eleitoral. Esperam que o governo vença em muitos concelhos e attribuem esse vencimento á prosperidade da Fazenda publica, á melhoria do nosso credito, emfim á sabia administração dos ministros.

Illusão ainda, pura illusão.

O governo hade vencer em muitos concelhos porque todos os governos teem vencido. Mal sabe esse povo *soberano* e independente, se os negocios publicos vão bem, ou mal. Agora, os *mercadores*, os agentes sabem dos subsidios que obtiveram, dos empregos que elles ou os seus apaniguados arranjaram, do dinheiro que é necessario dispender para que o povo, o *soberano*, vá *livre e conscientemente* votar ou fazer arruaças perante as urnas.

E' esta a verdade nua e crua: é isto o que nós observamos, nós que vivemos mais um contacto com o povo, nós que o vemos caminhar para a urna vergado ao peso de imposições brutaes, explorado por ambiciosos mediocres, por *mercadores* e agentes de governos.

As eleições que vem, hão de ser o mesmo, não desmentirão, como pelos preparativos não desmentem, as suas predecessoras, portanto ellas serão mais uma farça representada sob a protecção da Carta, mais um passo andado no caminho da corrupção.

POLITICA CONCELHIA

OS SELVAGENS

A villa d'Ovar, presa d'um bando de selvagens protegidos e incitados pelos administradores do concelho, está offerecendo um espectaculo vergonhoso. Cessou desde ha muito a segurança pessoal, paralysaram-se as transacções commerciaes, rouba-se e espanca-se em pleno dia, e todos estes actos criminosos são contados como proesas pelos seus autores.

Vadios e ebrios de mãos dadas encontraram agora um bom meio de viver regaladamente sem medo da justiça. Centanares de participações crimes estão em juizo, mas, por uma demora indesculpavel, os selvagens esperam confiados em uma lei d'amnistia que os ponha a salvo, e por isso continuam sem receio as suas proezas.

Os accontecimentos do dia 17 repetiram-se — quer dizer, que mais uma nodoa veio borrar a vida publica, já pouco limpa, das auctoridades administractivas. As scenas de selvageria foram as mesmas, dictou-as o mesmo espirito de vingança pessoal, foram impulsinadas pelo vinho, tiveram a mesma nota da covardia.

Domingo passado não houve o mercado semanal, que se costuma realisar na Praça d'esta villa, porque o povo pacato e serio receou desordens promovidas pelo grupo das auctoridades.

Esse grupo propalava e propala que em todos os domingos, até ao de se realisarem as eleições, haverá sempre desordens, promovidas pela mesma gente, promovidas pelos mesmos pescadores embriagados, tendo á sua frente os Polonias, e pelos vadios e arruaceiros que por ahi andam encostados ás esquinas explorando a bolsa *d'um* dos influentes *limonadas*.

*

Agora os factos. As companhas de pesca, affectas ao grupo *limonada*, tiveram ordem dos seus arrais, para se reunirem domingo passado, proximo á casa de Antonio Manoel da Costa e Pinho, onde estavam de prevenção duas pipas de vinho, um barril d'aguardente e 200 bordões (paus). Eram e são estes os elementos de combate do grupo das auctoridades.

Pelas 5 horas da manhã, apesor de mau tempo, achavam-se os pescadores reunidos, os arrais, e o administrador do concelho substituto, Manoel Gomes Duarte Pereira Coentro. Começou o beberete pela aguardente.

A não ser esta gente, ninguem appareceu até então no mercado.

O administrador substituto passeava d'um para outro lado da Praça, convidando os pescadores a irem *matar o bicho*. A' aguardente seguiu-se o vinho e as cabeças principiaram a esquentar-se e portanto a apparecer um certo burburinho.

Proximadamente ás 8 horas da manhã appareceu na Praça José Fragateiro de Pinho Branco de companhia com alguns dos seus amigos.

O administrador do concelho substituto, acompanhado do alferes da força aqui estacionada e do corneta fizeram algumas evoluções em frente dos amigos de José Fragateiro; e o grupo *limonada*, ja bastante alcoolisado, acompanhou-as. Dizia-se que ia principiar a desordem logo que o administrador e o alferes conseguissem desarmar José Fragateiro e os amigos, mas não succedeu assim. Era necessario que esse grupo desse mais uma prova de covardia, para ficarem bem assignalados os seus feitos.

Pouco depois chegavam ao mesmo local os snrs. dr. Manoel d'Oliveira Aralla e Costa, dr. Vicente Pedro de Carvalho e Sousa, Francisco Barbosa de Quadros, Manoel d'Oliveira Barbosa sogro de Luiz Ferreira Brandão e Manoel José Ferreira Coelho e filhos.

E' preciso dizer-se que o snr. dr. Vicente Pedro de Carvalho e Souza, conselheiro de districto não é nosso conterraneo, veio ha dias a Ovar visitar o seu amigo dr. Aralla.

Depois que estes cavalheiros chegaram, houve novo apparato bellico e nova movimentação.

Mas como os *cabeças* julgassem que a *troupe* não estava ainda no grau preciso para fomentar a desordem, levaram-na novamente a beber, embriagaram-na mais.

Seriam pouco mais ou menos 11 horas da manhã retiraram-se da Praça os snrs. dr. Manoel d'Oliveira Aralla e Costa e Francisco Barbosa de Quadros e em seguida José Fragateiro e seus amigos.

Foi então que o administrador do concelho julgou o momento opportuno. Aos pescadores deram-se-lhes os *bordões*.

Um vendedor de jornaes, Mineira, pescador tambem, chegando em frente da casa do snr. Joaquim Ferreira onde estavam os snrs. dr. Vicente Pedro de Carvalho, Manuel José Ferreira Coelho e filhos, e Manoel d'Oliveira Barbosa, soltou um viva ao partido *limonada*; que não foi correspondido.

Então um dos Polonias dirigiu-se ao snr. Manuel d'Oliveira Barbosa e pergunta-lhe = *porque não hade viver*? O snr. Barbosa respondeu = tanto me importa que viva como que não.

Foi então que principiou a desordem. Detraz do Polonia gritavam *morra* e os pescadores, de bordões, correram todos para junto da casa de Joaquim Ferreira. Polonia levantou um pau que trazia e principiou a bater. N'este momento o snr. dr. Vicente ia a puchar por um braco de Manoel Barbosa para o retirar para dentro da casa quando lhe foi dirigida uma forte pedrada á cabeça que lhe fez immediatamente botar o sangue em tal quantidade que o não deixou ver nada. Em seguida o administrador substituto agarrou-o pelos braços emquanto Polonia e outro o espancavam barbaramente, abrindo-lhe outros ferimentos na cabeça e nas mãos.

João Polonia, um filho d'aquell'outro Polonia, quiz espancar João Ferreira Coelho mas este houve se de tal forma que se lhe não tiram o João Polonia das mãos ficava-lhe bem caro o arrojo.

Entretanto o snr. Manuel d'Oliveira Barbosa tinha podido retirar-se porque senão teria sido maltratado, pelo bando que seu genro sustenta.

Os selvagens não se limitaram a ferir e maltratar, quebraram e damnificaram bastante a casa e objectos pertencentes ao snr. Joaquim Ferreira.

Os agredidos conseguiram ainda assim fechar as portas porque senão talvez fossem mortos aili mesmo.

O administrador substituto um dos maiores elementos de desordem não prendeu ninguem, porque os criminosos, como sempre pertenciam ao seu grupo. A força appareceu depois em apparato comico, mas não chegou ao local do conflicto, porque naturalmente não tinha licença para tanto.

*

Continuou a arruaça e o *beberete* por algumas horas: *morras* e *vivas* sahiam constantemente d'aquellas boccas avinhadas.

Os *cabeças* diziam que não havia justiça em Ovar, porque se alguns processos, se instaurassem viria a lei d'amnistia para os salvar, e entretanto elles não iriam para a cadeia visto que o snr. juiz não julgaria nenhuma causa crime antes das eleições.

A's 12 horas chegou o administrador Mello. Ia d'um grupo ao outro para ouvir a narracão das proesas, animar os desordeiros a proseguirem nos mesmos actos.

Tudo desertou da Praça a não ser a *troupe* avinhada.

Depois organisaram-se grupos de caceteiros para espancarem os individuos affectos ao partido contrario. Um dos grupos estacionava em frente do escriptorio do administrador do concelho Mello; outro em frente da capella da Senhora da Graça e outro em frente da casa de Antonio Manoel da Costa e Pinho.

Esquecia-nos dizer que veio de Vallega, para ajudar os desordeiros, um bando de cabos de policia de arma ao hombro e um bando de caceteiros,

*

Ao chegarem a Vallega os cabos de policia e caceteiros provocaram alguns pacificos habitantes d'aquella freguezia, insultando-os. Estes tiveram de defender-se e por isso os cabos em muito maior numero prenderam tres d'elles, conduzindo-os ás cadeias d'esta Villa.

Quando retiravam novamente para a sua freguezia, provocaram alguns individuos que estavam em casa de José Fragateiro de Pinho Branco, mas ninguem lhes respondeu e elles continuaram o seu caminho, gritando, dando successivamente *vivas* e *morras*.

Atraz d'elles veio um bando de pescadores ebrios accompanhando o João Polonia, gritando tambem.

Este *commandante* ao chegar em frente da porta da casa de José Fragateiro disparou dous tiros de rewolver, como provocação e todo o bando parou ao mesmo tempo, desafiando o dono a sahir de casa. Mas como receassem alguma cousa, traziam atraz de si o regedor e alguns individuos, como Sucena e outros, a fazerem as vezes de cabos de policia. O regedor interveu immediatamente, dizendo que uma pessoa de casa tinha disparado os tiros.

Como a calumnia não pegasse e José Fragateiro instado por alguns amigos não sahisse de casa, o regedor mandou embora os ebrios e o *commandante*, em paz.

Conheceu-se bem os planos d'esta gente. Queriam vêr se José Fragateiro sahia de casa para o prenderem e o espancarem.

Entretanto as portas do estabelecimento, que estavam fechadas, foram forçadas, a casa em parte fora invadida.

Estes ultimos factos deram-se, pouco mais ou menos, ás 7 horas da noute

Durante o resto da noute continuaram as scenas de desordem ouviram-se constantemente tiros,

Dos accontecimentos do dia 17 e de domingo passado, foram dadas 8 participações crimes, onde se acham envolvidos os dous administradores do concelho e todos os *cabeças* da *troupe*.

*

Snr. Ministro do Reino, v. ex.ª conhece, pelas continuadas participações que tem recebido d'Ovar, o estado d'anarchia que por aqui lavra. V. Ex.ª sabe perfeitamente de quanto é capaz um bando de ebrios e vadios capitaneados por individuos que prometteram, para lhe sustentarem os logares d'administradores do concelho, vencer *por força* as eleições.

Os primeiros, snr. Ministro querem vinho, os segundos querem dinheiro. Os primeiros vão arrastados pelo espirito alcoolico, os segundos pelo interesse, pelo rancor e desejo de vingança pessoal.

E' necessario pôr um dique a essa torrente de actos vergonhosos que o bando pratica, auxiliado pelas auctoridades administrativas: é necessario fazel-o entrar dentro dos limites da legalidade.

A troco de vencimento d'uma eleição elles pediram a *um alto trumpho politico* a liberdade para commetterem os maiores crimes e elle deu-lha, porque necessita de exercer tambem uma vingança; mas nós nada temos com as rivalidades pessoaes, nós queremos garantias d'ordem, dadas por um governo que se diz liberal.

Queremos garantias para não sermos forçados a represalias: para não sermos forçados a entrar n'um caminho que repugna á nossa consciencia d'homens livres.

*

Povo d'Ovar, essa gentalha procura por meio d'arruaças amedrontar os homens pacatos e serios de ir á urna infligir-lhes uma derrota monumental.

Elles são fracos, são poucos. Embriagam os pescadores e os vadios e julgam que assim podem vencer.

E' um escarneo para um concelho inteiro.

Commettem os maiores crimes; prejudicam todos os proprietarios, todos os individuos do concelho, impedindo de fazer as transacções no mercado, roubam os haveres de cada um: pois bem, é necessario, é indispensavel darmos-lhe uma licção severa no dia da eleição.

Encaremos todos a sangue frio, até ao dia da eleição, esses actos vandalicos, vergonhosos: encaremos sem recreio essas arruaças que somente despretigiam quem as faz.

Elles teem a seu lado simplesmente garotos e vadios e não é com esta gente que se vencem eleições, não é.

Portanto esperemos e caminhemos seguros e confiados na nossa força porque a eleição será por nós vencida.

A urna, pois, e sem medo. Caminhemos unidos para o attaque com a certeza do vencimento.

REPRESENTAÇÃO

A camara municipal d'Ovar, reunida extraordinariamente em vista dos attentados e crimes commettidos hontem 17 em plena praça publica, resolveu que se fizesse uma exposição succinta d'esses factos crimmosos e S. M. El-Rei, e que respeitosamente se pedisse a S. M. garantias d'ordem e segurança para a sua vida e propriedade e dos municipes, que representa.

Senhor, hontem de manhã cêdo, na occasião em que se fazia o mercado que é costume realisar-se na praça d'Ovar, apresentaram-se no mesmo local os administradores effectivos e substituto d'este concelho, bachareis Augusto Correa da Silva Mello, Manuel Gomes Duarte Pereira Coentro, acompanhados dos seus amigos e d'um grupo de individuos da classe piscatoria embriagados espancarão, ferirão e maltratarão cidadãos inermes e inoffensivos e ate mulheres, correram sobre outros com gritos subversivos da ordem e segurança publica, levantarão gritos de morte a varios cidadãos, não escapando os vendedores dos jornaes — o Correio da Manhã, e o Povo d'Ovar, aos quaes roubarão e rasgarão os jornaes, e forão taes as arruaças, tumultos e desordens, que o mercado se desfez, não parando aqui os anarchistas, que percorrerão assim algumas ruas da Villa, insultando, provocando e aggredindo diversos cidadãos e procurando outros com egual intuito!

Senhor, os administradores effectivos e substituto do concelho d'Ovar capitaneavão o bando dirigião a anarchia e espancarão tambem. E no entretanto, Senhor, debaixo das arcadas dos Paços do concelho estacionava um destacamento militar, que acompanhou em algumas evoluções os administradores,

Senhor, os administradores do concelho d'Ovar com os seus amigos prepararão e combinaram propositadamente aquelles factos de verdadeira selvagaria, e no dia 17 da manhã cedo erão vistos todos na praça d'Ovar, dando de beber agua-ardente e vinho a velhos novos e creanças em casa de Antonio Manuel da Costa e Pinho, e é hoje publico que n'essa noute foi mandada uma pipa de vinho para casa d'este cidadão, e por José Pacheco Polonia seu cunhado arraes de companha um carro de bordões, (paus) de que usa a classe piscatoria para remover a sardinha em occasião de pesca, como é publico, que o destacamento militar recebeu ordem para estar prompto á primeira voz!

Proximo das 8 horas da manhã Antonio Pereira da Silva, lavrador, casado, de mais de 60 annos de idade, dirigia-se para ouvir missa na capella de S. Antonio que fica na praça, seguia seu caminho descuidado, quando se vê cercado pelos amigos dos administradores do concelho d'Ovar, arraes José Pacheco Polonia, filhos, João Lopes d'Oliveira Ramos e outros, administrador effectivo, e sem mais, nem menos espancão-no barbaramente prostrão-no por terra no meio de gritos de morra, calcão-no aos pés: o infeliz pôde levantar-se ainda e pergunta que crime commetteu, continua a ser espancado e até o administrador effectivo lhe dá bengaladas! — uma mulher grita aqui d'El-Rei contra o administrador, que assim deixa matar um homem é espancada e corrida, um soldado condoido do infeliz, prende um dos aggressores e o administrador effectivo solta-o, porque no concelho, diz, só elle manda.

Alguns instantes depois e a pequena distancia, o bando cerca José Baêta, casado, cantoneiro, d'Ovar e pela mesma forma e feitio espanca-o, fere-o, maltrata-o; um dos do bando corta-lhe com uma navalha o chapeu, que deita ao ar em triumpho, e n'este attentado é o administrador substituto que toma parte e que o dirige! o effectivo conversava com o commandante do destacamento, e dizia, que aquillo não era nada! Pouco depois e mais alem era perseguido pelo bando, que continuava a sua derrota, José Maria Soares de Souza, official d'esta camara, que pôde fugir e refugiar-se n'uma casa, mas aonde foi buscado, espancado e maltratado!

N'este tumultuar infrene e selvatico a maior parte fugia horrorisada, porque o bando procurava mais victimas, ameaçava matar diversos cidadãos e corria em perseguição d'outros! Ja não havia quem comprasse e vendesse no mercado; o bando estava senhor da praça d'Ovar, tinha provado aos eleitores d'este concelho, — como cumpria o que proclamava impudentemente, e como venceria as proximas eleições.

Senhor, os administradores do concelho d'Ovar são os mesmos que, com força armada se apossarão dos Paços do concelho e que vedarão a entrada n'elles a esta camara, que já então pediu justiça a V. M. d'esses aggravos. Os administradores do concelho d'Ovar, que mais parte tomaram nos attentados d'hontem foram amnistiados por V. M. por decreto de 4 de julho do corrente anno de crimes d'igual natureza e por ventura mais graves, e nos quaes tiverão parte importante os administradores do concelho d'Ovar, como consta dos registros criminaes d'esta comarca.

Senhor, os administradores do concelho d'Ovar, com os seus amigos affirmão e protestão sem rebuço em toda a parte, que hão-de vencer as eleições nesta circunscripção por todos os meios, succeda o que succeder, e ha muito que de dia e de noute provocão, insultão e attentão contra a vida de muitos cidadãos, como ja affirmão que os attentados d'hontem são um simples ensaio dos que se lhes hão-de succeder!

Os administradores do concelho d'Ovar com seus amigos teem commettido toda a especie d'abusos, illegalidades, arbitrariedades e crimes, porque se lhes assegura a impunidade, e taes e tantos são elles, Senhor, que Ovar, com magoa o diz esta camara, é considerada actualmente uma terra aonde ninguem tem segura a sua vida e garantida a sua propriedade! e todavia é decorrido mais de meio seculo desde que neste paiz se implantou o regimen liberal.

Senhor, mais uma vez esta camara vem perante V. M, como supremo magistrado da nação pedir-lhe justiça—justiça, Senhor, para todos os crimes e para todos os criminosos, que no ultimo quartel do seculo em que vivemos estão envergonhando esta terra aos olhos de seus filhos e de estranhos —justiça, Senhor, porque amanhã pode ser tarde para quem é tão vexado, opprimido e offendido.

Senhor, digne-se V. M relevar esta camara uzar de linguagem franca e verdadeira, que nem por isso é menos respeitosa, na exposição dos factos, cujas consequencias são mais que muito de recear que occasionem derramamento de sangue pela justa indignação do povo, a quem auctoridades ferozes e injustas dão o exemplo, derramando-o sem motivo!

Esta camara, Senhor, cumpre um imperioso dever e V. M., como Rei liberal, justo e illustrado, não deixará de attender a quem assim pede justiça.

Ovar em sessão extraordinaria de 18 de outubro de 1886.

LETRAS E LERIAS

RISCOS

O que elle era d'antes e o que é agora. O cidadão Mangueira expõe os seus planos d'attaque e o cenaculo cae-lhe de joelhos aos pés.

Encostado ás esquinas pensava tristemente na sua pouca importancia, no modo de se introduzir em qualquer grupo politico da localidade. Conhecera-se sempre inepto para tudo. Alguem ia-lhe receitando alfandega, onde podesse empregar bem as suas forças, mas o pobre diabo contentava-se apenas com ir apanhando as pontas dos charutos, com ouvir as conversas mais ou menos banaes, que os descuidados iam deixando cahir na sua presença.

Todos o despresavam. Era uma besta—diziam. Elle, o desgraçado, entretanto procurava captar a confiança d'alguns, e apesar d'algumas vezes ser empurrado para fóra introduzia-se pelas casas dentro. Quantas vezes ao principiar alguma conversa ouvira dizer: calemo-nos por emquanto. Bem sabia que desconfiavam d'elle mas teimava, teimava sempre.

Por fortuna appareceu um bilhar. Exhibiu as suas habilidades e arranjou parceiro. Foi dizendo mal ora d'uns ora d'outros até que bem a custo o deixaram entrar no gremio. Como o cachorro, sempre bajulador, lambendo sempre as botas ao dono foi andando.

Elle era um condemnado, um burro, um asno: depois a submissão agradou, a *força* teve bom emprego, servia para guardar as costas aos medrosos, e afinal apanhou o *osso* cubiçado. Já era tempo. A magra bolsa tinha-se esgotado e o desgraçado, sem querer trabalhar na alfandega, deixava perder-se á força.

D'ahi a pouco era um heroe, um magriço d'alto trono, e os patrões satisfeitos chamavam-lhe um protento de... força.

E já não andava encostado ás esquinas pensando tristemente na sua pouca importancia, no modo de se introduzir em qualquer grupo politico da localidade...

Quem não conhece por ahi o cidadão Mangueira?! Aquelle que com o seu cão, leva tudo adeante de si, *com seiscentoe diabos*! Não conhecem ainda!

Pois é este cidadão que d'uma só vez, perante o grupo de que o chefe vae rasgar o mysterio de vencimento d'umas eleicções. Elle e o seu cão, aquelle terrivel cão, o tal limonada de chapa, apressam-se a tomar a cadeira da *presidencia* para levantar a palavra no cenaculo augusto, onde gentes attonitas estão de boca aberta á espera da revelação.

Cidadão Mangueira colloca o cão em cima da meza, olha fito a assembleia e pede um cigarro a D. Magnifico que lhe tinha ficado á esquerda. Tossiu, pigarreou o seu bocado, coçou na cabeça e principiou assim:

Meus senhores, (grande movimento nos ouvintes) eis aqui está um limonada de chapa. Eu e este só vamos vencer as eleições.

Eu sei cá um meio bom para irmos todos á... camara. Basta que nos mandem dar carne assada e vinho a mim e a mais meia duzia para ir tudo por pó de gato. (E dizendo isto levanta a mão canhota em ar ameaçador). Nós temos ahi meia duzia de rapazes famosos para a *corsa*. Se alguma vez me virem fugir não é porque tenha medo, não é, vossas senhorias bem sabem quem é cá o Mangueira. Eu já uma vez com a baioneta fiz fugir uma duzia. Mas vamos ao caso. Eu e os taes meus amigos, no dia da eleição, depois de termos comido e bebido vamos para a porta da entrada e não deixamos entrar ninguem, levo dois revolveres no meu bolso, duas navalhas de barba e sou capaz de cortar a gana a quem lá apparecer. Saibam que cá o Mangueira é homem capaz de comer todos os do outro partido. Com seiscentos milheiros de diabos, olhem que eu não digo que faço.

E demais que o diga, aqui o snr. D. Magnifico. Elle mandou-me provocar um sujeito que todos conhecem, mas o peor é que quando eu fui já ia muito azouratado.

Mas vossas senhorias bem sabem que eu sou capaz de fazer ir tudo pelo ar no dia da eleição. Eu cá por mim faço isto; e o melhor é mandar a tropa embora. Pomos á porta da entrada todos os rapazes d'uma cana e elles não entram lá dentro.

Que lhe parece snr. D. Magnifico?

D. Magnifico. Julgo que isso é boa medida.

Mangueira. Eu já sei que chegaram 4 pipas pois com mais umas 29 está a coisa arranjada e nós vencemos. Não façam caso de vinho, E' boa para a frente. (E virando-se para o cão). Então meu *limonada* vamos a elles ou não! E viva a limonada, rapasiada, viva! (E disse).

Toda a assembleia cheia d'admiração pela prespicacia do cida-

dão Mangueira veio approximando-se e de repente, á uma, cahiu-lhe aos pés, bradando—és digno de ser nosso chefe, nosso guia, abençoado sejas, ó *augusto* Mangueira.

No dia seguinte o cidadão Mangueira tinha um casaco novo.

Novidades

Os politicos — Decididamente os *politicos* não tem faculdade imaginativa, fazem sempre o mesmo, quer dizer, prattcam sempre os mesmos crimes, sem ao menos variarem um pouco as circumstancias.

Domingo á tarde, quando o nosso distribuidor, Jose Azevedo, andava entregando os jornaes, na rua das Almas, um bando capitaneado por um dos Polonias, correu sobre gritando *morra!* O tal Polonia arrancou os jornaes da mão do destribuidor José Azevedo, conseguiu fugir para uma casa e os pescadores incitados pelo Polonia foram em sua perseguição, forçaram a porta da casa onde o rapaz se tinha refugiado e maltrataram-no ahi horrivelmente, dando-lhe successivamente pancadas na cabeça e no braço esquerdo. Entretanto o Polonia e outros gritavam *morra*!

O rapaz depois de muito espancado conseguiu ainda fugir novamente e o bando correu em perseguição d'elle.

— A' mesma hora era espancado pelos *politicos* Julio Soares, mais conhecido por Julio do Felix. Aqui entrou em scena o terrivel Mineira e outros. O caso passou-se n'uma taberna, e quando o espancado cahiu, ao passar proximo á senhora da Graça foi novamente aggredido por um grupo de *politicos*, aos gritos de *mata, mata*.

D'estes dous casos não se fizeram as competentes participações para juizo porque elles já são tantos que não vale a pena. Demais a mais como os *politicos* esperam ja amnistia e o snr. juiz d'esta comarca se não resolve a julgar os processos crimes de policia correcional julgamos melhor deixar á vontade os criminosos.

Depois ainda são capazes de dizer que são os adversarios quem provoca.

«A's Novidades» — Um acreditado jornal lisbonense, propriedade do snr. Emygdio Navarro, transcreveu inconscientemente um papelucho que os *politicos* para ahi mandaram escrever, só para armar ao effeito. Podemos garantir ás «Novidades» que todos os factos alli apresentados são falsos. As provocações da parte do grupo das auctoridades veem-se a cada momento, todos os dias.

E' verdade que convem á *troupe* publicar semelhantes cousas mas essa *troupe* não representa o partido, é indigna de se lhe dar tal nome. Essa *troupe* é uma verdadeira sucia que quer apenas explorar, *arranjar-se* á custa do governo e do municipio.

O partido progressista não pode perfilhar os actos selvagens que esta gente por aqui está praticando, com reprovação de todo o povo do concelho. Isto não são partidarios, são selvagens, são arruaceiros.

O snr. regedor em scena.—Antonio Innocencio, tinha ha tempos casado uma filha com um seu visinho pescador. Viveram muito bem até ha quasi um mez. O genro nada tinha de seu em quanto que Antonio Innocencio possuia uns bensitos moveis.

Ha quatro ou cinco dias zangaram-se sogro e genro e este ultimo quiz sahir da companhia d'aquelle, mas não quiz sahir como tinha entrado, com as mãos espanadas.

Por isso, valendo-se da *politica* foi ter com o snr. regedor, confessando-lhe o caso e dizendo que trabalhava na companhia de Polonia.

O snr. regedor não hesitou foi immediatamente á Ponte Nova, logar em que Antonio Innocencio habita e entrando por casa dentro, valendo-se da ausencia do proprietario retirou todos os objectos que o genro quiz sem se importar de saber a quem pertencia.

Se não é um roubo praticado á sombra da auctoridade, não é nada.

Vae-se fazer a competente participação crime.

A auctoridade a gasofilar bons paus de marmelleiro. — O administrador effectivo e seu substituto encontraram agora uma boa fonte de receita como as eleições e os *beberotes* vão fazendo falhar as bolsas não admira que lancem mão d'este *riquissimo* meio.

Todos os domingos quando os lavradores veem ao mercado (houve tempo em que se fez, agora...) os administradores gasofilavam os bons paus que estes traziam. Os que eram fracos tornavam a entregal-os. mas aos bons..... chamavam-lhe um figo.

Cada pau depois de bem preparado deve valer approximadamente 1:200, imaginem agora quanto lucraram em tirar 100.

Se assim continuar é melhor não levarem emolumentos, porque esta receita chega.

Isto é feito em nome da boa ordem e segurança publicas!

Da mesma vontade de desatar a rir.

Casamento. — Consorciou-se quinta feira o nosso amigo José Luiz da Silva Cerveira com Maria do Rosario Soares.

Os nossos parabens aos sympathicos noivos.

Auctoridades aos centos. — Quarta feira á noute um pobre carreteiro passava com a seu carro de bois pela viella do Carril.

O pobre homem ia pagar umas rendas a um proprietario da Praça e mal pensava no que lhe ia succeder.

Da casa do snr. dr. Coentro, sahiu segundo nos consta, o avô e creado lançando a mão á soga dos bois levaram-nos para dentro do seu quintal não obstante manifesta opposição do carreteiro.

Este principiou a gritar que o roubavam, chamava em altos brados pelos visinhos.

Acudiu bastante gente, mas os bois e o carro com o contheudo não foram entregues ao dono.

Não sabemos o motivo porque se praticou semelhante violencia, mas como a auctoridade é de casa não ha duvida.

Daremos mais promenores.

Um larapio preso. — Chegou a Ovar, vindo das cadeias d'Aveiro o larapio que conseguiu roubar o snr. Caetano Ferreira, proprietario d'uma loja de relojoaria na Praça.

O larapio não confessou o roubo apesar de ter sido reconhecido por bastantes testemunhas. Disse nunca ter vindo a Ovar.

E' natural de Vizeu segundo parece esteve a servir no Porto, como marceneiro.

E' ainda bastante novo, parece ter approximadamente 19 annos.

Tentativa de roubo. — Ha dias foi forçada uma casa na Praça. Os ladrões foram presentidos pelos donos da casa, mas conseguiram evadir-se

Aqui temos um facto que se não nos enganamos é já um resultado da *politica* que um grupo faz. Depois das eleições, quando se tiver fechado a bolsa eleitoral, havemos de nos ser obrigados a velar dia e noute d'arma ao hombro, porque os vadios são em grande numero e elles hão de sustentar-se d'algum modo.

Pesca. — Quarta e quinta feira houve trabalho no mar, mas com pouco resultado para algumas companhas. Ainda assim companhas houve que fizeram de lanço 500:000 reis. O preço da sardinha regulou entre 800 reis e 1:000 reis.

Rewolveres a rodo. — Até agora não se viam por ahi muitos rewolveres mas ha pouco tempo a esta parte appareceram muitos pescadores das companhas *affeiçoados* armados com elles.

Serão estes rewolveres os que foram gasofilados pelas auctoridades administrativas a cidadãos pacatos que os trasiam no bolso para se defenderem se alguma vez fossem attacados por essa corja de vandalos?

E' possivel. As auctoridades se se resolvem a gasofilar algum rewolver é para obstar a desordens é... para armar pescadores.

Abençoadas auctoridades!

LISBOA

Lisboa 27 de Outubro de 1886.

Principiarei esta carta por lhes fallar d'uma *tensão* grande soffrida pelos amigos do snr. presidente do concelho de ministros. O snr conselheiro José Luciano de Castro tem estado bastaute doente e a sua renitencia em não tomar medicamentos ia, talvez, compromettendo a vida do illustre estadista, incansavel trabalhador e muito apreciado cavalheiro.

Hoje sabe-se achar-se S. Exc.ª em via de restabelecimento, tendo conseguido o snr. D.r Antonio Pinto Portella, medico assistente, levar o snr conselheiro a entrar em tractamento.

Hontem e ante-hontem os amigos de Exc.ª, e são muitos, independentemente da politica, andavam verdadeiramente atribulados com as noticias espalhadas a meia vós, em tom cavo e atherrador. Ainda bem que passou o receio. Dou-me os parabens.

*

As eleições camararias passam desapercebidas em Lisboa, porque d'esta vez ficou livre a capital d'esse reboliço. Pelos jornaes vese que as gentes da provincia ainda se incommodam muito, a serio, com essas cousas, pensando, ingenuamente, fazer algum beneficio ás suas terras. Engano, não digo da alma lêdo, mas certamente cego e de pessoas ainda crentes em alguma cousa boa no meio do eigoismo feroz dos que sabem aproveitar-se da ingenuidade dos outros.

Por fim tanto faz matarem-se como estar tudo quietinho: a agua continuará a seguir o mesmo rego, porque este é fundo e já rijo.

Pobres ingenuos, idialistas, utupistas, gentes *simples*. Lamento-vos por que vos aprecio as intenções e sei bem avaliar os trabalhos.

*

É caso averiguado os regeneradores, certamente com consentimento do snr. Fontes, estarem de combinação com os republicanos para as eleições de deputados. Nem louvamos, nem censuramos mas temos pena de ver, mais uma vez. tão manifestamente patenteada a miseria das nossas cousas politicas — o o baixo nivel moral a falta de crenças, de principios e de brios. Não tem este caso valor algum, se não olhado por este lado. Da parte do snr. Fontes ha tambem a notar a flagrante ingratidão para com o paço.

*

Um sabio francez quer provar que é muito prejudicial á saude o levantar-se cedo a humanidade; diz que os microbios soffrem marés baixas e altas como o mar, e que a maré mais alta é ás 7 horas da manhã. A essa hora, cada metro cubico de ar, contem 500;000 microbios que são absorvidos pelos *respirantes* de ar fresco. fora dos respectivos quartos. É um auxilio extraordinario dado ás meninas refratarias ás ordens paternas, e tambem aos *meninos*. Deve ter muitos admiradores, este sabio francez.

*

Morreu ahi um avaro, que deixa deserta uma herança de cem contos ou mais. O miseravel viveu como um porco e morreu como dous porcos. Naturalmente, não deu uma esmola, não fez se não *esfolar* quem lhe cahia nas mãos, para deixar a fortuna de duas ou tres familias, embrulhada em farrapos e escondidas em boracos, ao estado. Em vez de o descompor, eu estava a estas horas resando-lhe pela alma, se me tem habilitado a poder passar sem quebrar a cabeça para saber como heide conseguir noticias para fazer uma pequena correspondencia. Assim, o snr. Marlanno de Carvalho que rese, se quizer. Eu continuarei a chamar ao bruto, um porco, dous porcos e, se me apertam, chamo-lhe tres. Morreu á miseria e viveu á fome!!

*

Os acontecimentos que ahi se estão dando, convidam, para beneficio de todos os homens serios de um e outro lado a parar no caminho incetado, que é perigosô para uns e outros.

Nem vale a pena, qor politica, ir tão longe, nem ha rasões pessoaes ahi que desculpem semelhante attitude. Contenham-se uns e outros e contenham os seus partidarios. Alem do inconveniente individual ha o de, cada vez mais, desacreditarem essa pobre terra, tão digna, por muitos respeitos, d'outra sorte.

C.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

CONCURSO

Perante a Camara Municipal d'Ovar, durante 30 dias a contar da ultima publicação de identico annuncio no «Diario do Governo,» se acha aberto concurso para o provimento da cadeira de ensino primario elementar do sexo masculino d'esta Villa, com residencia n'ella, e com o ordenado annual de 130$000 reis, sem direito a gratificações algumas, para os concorrentes que tenham obtido a qualificação de bom.

Ovar, 9 d'Outubro de 1886.

O Escrivão da Camara,

2 *Eduardo Augusto Chaves*

EDITOS DE SEIS MEZES E TRINTA DIAS

Pelo juiz de direito da comarca d'Ovar e cartorio do Escrivão Valle, pnedem seus termos uns autos d'acção e petição d'herança para haver os bens do ausente José d'Oliveira Soares, requerida por sua irmã e cunhado Maria da Silva Soares e marido Manoel Soares, residentes na rua da Matta, freguezia de Canellas, comarca d'Estarreja; e por isso, e em observancia das disposições da lei, correm editos de 6 mezes, a contar do segundo e ultimo annuncio na folha official do Governo e no jornal da localidade, a citar o referido ausente, em parte incerta, José d'Oliveira Soares, filho que ficou de Antonio José da Silva, e Maria da Silva, moradores que foram na Lago a de S. Miguel, d'esta Villa, para na segunda audiencia d'este juizo, posterior ao dito praso de seis mezes, ver accusar esta citação e assignar-lhe o praso de tres audiencias para deduzir qualquer opposição, sob pena de ser deferida aos supplicantes a sua petição por serem os seus unicos e universaes herdeiros, e assim lhes serem entregues, por isso que tendo-se ausentado no estado de solteiro, para o Imperio do Brazil em parte incerta, sem que deixasse testamento ou descendencias, ha mais de vinte annos, desde a sua ausencia até hoje não tem havido noticias. Outro sim correm editos de trinta dias a contar egualmente da publicação do segundo e ultimo annuncio, a citar todos as pessoas incertas que se julgam com direito aos bens da herança do dito ausente, para tambem na segunda audiencia posterior ao praso da trinta dias verem accusar este citação, e assignár-lhes o praso de tres audiencias para deduzirem o seu direito, com a pena de correr a acção seus termos atè final, a qual tem por fim mostrar que os requerentes são os unicos e legitimos herdeiros do mencionado ausente. As audiencias n'este juizo fazem-se todas as segundas e quintas feiras de cada semana, não sendo dias santificados ou feriados, porque, sendo-o, se fazem nos dias immediatos, por dez horas da manhã, no tribunal Judicial, sito na Praça d'esta Villa. Ovar 6 de outubro de 1886. Eu Antonio Rodrigues do Valle o subscrevi.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Brochado,

O Escrivão

Antonio Rdorigues do Valle.

23 2

ARREMATAÇÃO

No dia 7 de Novembro proximo pelo meio dia, á porta do Tribunal d'esta comarca, vão á praça para serem arrematadas a quem mais der, na execução hypothecaria que Maria Thereza da Silva Cascaes, solteira, da freguezia da Murtoza, comarca de Estarreja move contra Manoel da Costa e Silva e mulher, do logar do Paço, freguezia de Macêda, as seguintes propriedades:

UMA TERRA LAVRADIA chamada o «Ante-paço», sita no logar do Paço, avaliada em 200$000 reis.

UMA TERRA LAVRADIA chamada a «Estrada Velha», sita no logar da Carvalheira, avaliada em 250$000 reis.

UMA TERRA LAVRADIA com um bocado de matto na cabeça do nascente, chamada as «Prajes», sita no logar da Carvalheira, avaliada em 120$000 reis.

UMA LEIRA DE MATTO chamada a «Arêa», sita na Carvalheira, avaliada em 15$ reis, todas sitas na freguezia de Macêda.

Por estes são sitados todos os credores incertos dos executados para uzarem, querendo, dos seus direitos.

Ovar, 18 d'outubro de 1886.
Verifiquei *Brochado.*
O Escrivão
Antonio dos Santos Sobreira.
(24) 2

ANNUNCIOS

As pessoas quebradas

Com o uso d'alguns dias do milagroso emplasto antiphelico se curam radicalmente as roturas ainda que sejam muito antigas. Este emplasto tem sido applicado em 35:540 pessoas e ainda não falhou.—Preço 1$500 reis.

Balsamo sedativo de Raspail

Remedio para a cura completa do rheumatismo, nervoso, gottoso, articular, dôres de cabeça, pontadas, contusões e amollecimento da espinha dorsal. Frouxidão de nervos, fraqueza de musculos, golpes e toda a qualidade de dôr ou inflamação: usa-se externamente em fricções.—Preço do frasco 1$200 reis.

Contra os Callos

Unico remedio que os faz cair em 12 horas.—Preço da caixa 400 reis.

Molestia de pelle

Pomada Styracia, cura prompta e radical de todas as molestias de pelle, as empigens, nodoas, borbulhas, comichão, dartros, herpese lepra, panno, sardas, etc., etc.—Preço da caixa 600 reis.

Injecção Gueinp

E' esta a unica injecção, que, sem damno, cura em 3 dias as purgações ainda as mais rebeldes.—Preço do frasco 1$000 reis.

Creme das damas

Torna rapidamente a pelle cara e macia, dissipa as sardas, tez crestadas, nodoas, borbulhas, rosto sarabulhento, rugas, encobre os signaes das bexigas.—Preço do frasco 1$200 reis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle do correio a Manoel Pinto Monteiro, Travessa do Cégo, 15, á Praça das Flores—Lisboa. 12

RODRIGO VALENTE DA SILVA com estabelecimento de mercearia, fazendas, vinhos, tabacos, ferragens, tintas, vidraça, molduras e miudezas em

S. JOÃO DE VALLEGA 1

LIVRO sacro ou curso de doutrina christã, approvado, para uso das escholas, pelo ex.mo e rev.mo snr. Cardeal Bispo do Porto, coordenado por Francisco d'Assis Pinheiro.

A' venda—Livraria editora—Cruz Moutinho, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto. 1

Á VENDA

NOVO CODIGO ADMINISTRATIVO

Um vol. 200
Pelo correio. . . 220

LIVRARIA CHARDON

CLERIGOS, 96

Francisco Peixoto Pinto Ferreira com estabelecimento de ferragens, tintas, mercearia, tabacos, molduras e miudezas.

PONTES 13

Nossa Senhora de Paris

por VICTOR HUGO

Romance historico illustado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

Depois dos MISERAVEIS é o romance NOSSA SENHORA DE PARIS a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehendentes, n'uma linguagem primorosa, a sua leitura eleva o nosso espirito ás regiões sublimes do bello e innunda de enthusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista, portuense, o exc.mo snr. Gualdino de Campos, e a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado expressamente fabricar em uma das primeiras casas de Milão.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 1 volume ou 18 fasciculos em 4.º, e illustrada com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanaes de 32 paginas, ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se acceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que angariarem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Acceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sua conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

LIVRARIA CIVILISAÇÃO
DE
EDUARDO DA COSTA SANTOS, EDITOR
4, Rua de Santo Ildefonso, 4
PORTO

TYPOGRAPHIA
DO
POVO DE OVAR
(OVAR)

Esta typographia completamente habilitada encarrega-se de todo o qualquer trabalho concernente á sua arte, a toda qualquer cór, tanto prateado como dourado, assim como: obras de livros, jornaes, facturas, bilhetes de visita, circulares, etiquetas para garrafas, diplomas etc., para o que acaba de receber das principaes casas de Paris, uma grande variedade de typos e vinhetas.

Preços o mais rasoaveis possiveis

PHARMACIA—SILVEIRA

Isaac Julio da Silveira, pharmaceutico approvado pela escóla medico-cirurgica do Porto. 14

PONTES

LOJA DE CALÇADO

Todos conhecem o Francisco Rodrigues de Pinho com loja de calçado alli mesmo no Largo do Hospital.

Encarrega-se de fazer toda a obra da sua arte, como toda perfeição e por preços modicos, como é seu costume.

Desde a mais bem aperfeiçoada chinella para mulher até ao sapatinho de polimento para homens tudo faz ao gosto do freguez.

Portanto é experimentar e verão como ficam satisfeitos! 13